

APRESENTAÇÃO DA REVISTA

Caras/os leitoras/es,

A edição que apresentamos a vocês é fruto de parceria com a ULEPICC-Brasil (capítulo Brasil da União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura), associação que tem como uma de suas metas estimular o debate da Economia Política da Comunicação, da Informação e da Cultura. O Dossiê Temático nela publicado traz, por isso, mapeamento da produção neste subcampo feita no Brasil.

Logo que decidimos por esse tema, pensamos nos desafios que cercam todo ato de contar uma história. As escolhas e, no caso, até mesmo possibilidades de acesso a leituras distintas poderiam acarretar possíveis omissões. Mas, com Benjamin, lembramos que a história deve ser disputada e escrita a contrapêlo, sob o risco de visões contra-hegemônicas caírem no esquecimento promovido pela história oficial. Basta olhar os mais recorrentes livros sobre Teorias da Comunicação para notar a ausência, em muitos deles, de referências à Economia Política da Comunicação, embora esta perspectiva seja amplamente desenvolvida e mesmo encontre respaldo institucional, como comprovam os mais de vinte anos desta revista, os dezesseis da Ulepícc-Brasil, a existência de Grupos de Trabalho sobre o tema em importantes associações de pesquisa, casos da INTERCOM e da ALAIC, já bastante consolidados, e, desde 2019, do GT Economía política de la información, la comunicación y la cultura na CLACSO. Nos lançamos, pois, neste desafio, e o resultado aqui expresso é muito interessante, pois, como destacam os coordenadores do GT, Anderson Santos e Manoel Dourado Bastos, temos não apenas textos que retraram iniciativas e temas centrais de nossa história, mas desafios contemporâneos, como a agenda relacionada às dimensões de raça e gênero, que deve também ser discutida e enfrentada no plano epistemológico.

Além do GT, a seção Artigos e Ensaios apresenta textos que mostram também a abrangência das possibilidades de pesquisa no campo da EPC. Octavio Pieranti enfrenta um tema fundamental para pensarmos a situação do campo público no Brasil, no texto “A radiodifusão pública é “cara demais”? Uma avaliação do orçamento da EBC”. O trabalho se torna ainda mais oportuno dadas as especulações em torno da possível privatização da EBC pelo atual governo e a necessidade de, em sentido inverso, defendermos esta que é uma empresa fundamental para, ao menos, anunciar o que poderia ou deveria ser uma comunicação não voltada para o lucro e menos concentrada em tão poucas mãos. A questão do financiamento e seus impactos também é abordada por Leandro González, em sua análise “Os 20 anos do Programa Ibermedia: consolidação e novas dinâmicas de cooperação para o cinema ibero-americano”. O autor analisa o comprometimento de recursos de países envolvidos na produção de filmes, relacionando-o aos interesses geopolíticos deles, e aponta que, na prática, o programa funciona como fundo de coprodução, sendo deficiente em relação à comercialização das obras. A seção também publica o texto “Convergência midiática e regulação convergente: dinâmicas e políticas do audiovisual a partir da internet”, de Vitor Blotta e Giovanni Francischelli, que discute caminhos para a regulação em um contexto de tantas transformações, como exemplifica o crescimento de serviços de vídeo sob demanda. São, pois, trabalhos que falam sobre os desafios do tempo presente, com contribuições que apontam caminhos para enfrentá-los.

Boa leitura!

Helena Martins e César Bolaño, pela equipe editorial